



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XX — N.º 76

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1965

ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A HOMENAGEAR SUA MAJESTADE BAUDOUIN, REI DOS BELGAS, EM 10 DE NOVEMBRO DE 1965

PRESIDENCIA DO SR. MOURA ANDRADE.

Compõem a Mesa os Srs. Deputado Bilac Pinto, Presidente da Câmara dos Deputados, e Senadores Dinarte Mariz, Adalberto Sena, Joaquim Parente e Guido Mondim.

As 11 horas acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena.
José Guionard.
Oscar Passos.
Vivaldo Lima.
Edmundo Levi.
Arthur Virgílio.
Zacharias de Assumpção.
Cattete Pinheiro.
Moura Palha.
Eugênio Barros.
Sebastião Archer.
Joaquim Parente.
José Cândido.
Sigefredo Pacheco.
Menezes Pimentel.
Wilson Gonçalves.
Dix-Huit Rosado.
Dinarte Mariz.
Walfredo Gurgel.
Argemiro de Figueiredo.
João Agripino.
Barros Carvalho.
Pessoa de Queiroz.
Ernirio de Moraes.
Silvestre Pericles.
Rui Palmeira.
Heribaldo Vieira.
Julio Leite.
Jose Leite.
Eduardo Catalão.
Josaphat Marinho.
Jefferson de Aguiar.
Eurico Rezende.
Raul Giuberti.
Vasconcelos Torres.
Aurélio Vianna.
Milton Campos.
Benedicto Valladares.
Nogueira da Gama.
Padre Calazans.
Lino de Mattos.
Moura Andrade.
João Abrahão.
Pedro Ludovico.
Lopes da Costa.
Bezerra Neto.
Adolpho Franco.
Mello Braga.
Antônio Carlos.
Atílio Fontana.
Guido Mondim.
Daniel Krieger.
Mem de Sá. (52).

CONGRESSO NACIONAL

E os Srs. Deputados:

Acre:

Altino Machado.
Armando Leite.
Geraldo Mesquita.
Jorge Kalume.
Mario Maia.
Rui Lino.
Wanderley Dantas.

Amazonas:

Djalma Passos.
José Esteves.
Leopoldo Peres.
Paulo Coelho.
Wilson Calmon (23-1-65).
Antunes Oliveira.

Pará:

Adriano Gonçalves (9-11-65).
Buriamaqui de Miranda.
Gilberto Campeio Azevedo.
João Menezes.
Lopo Castro.
Stélio Maroja.
Waldemar Guimarães.

Maranhão:

Alexandre Costa.
Cid Carvalho.
Clodomir Millet.
Eurico Ribeiro.
Henrique La Rocque.
Ivar Saldanha.
Joel Barbosa.
José Burnett.
José Sarney.
Lyster Caldas.
Luiz Coelho.
Mattos Carvalho.
Pedro Braga.

Piauí:

Chagas Rodrigues.
Dyrno Pires.
Ezequias Costa.
Gayoso e Almendra.
Heitor Cavalcanti.
João Mendes Olímpio.
Moura Santos.

Ceará:

Alfredo Barreira (22-11-65).
Alvaro Lins.
Dager Serra (22-10-65).
Edilson Melo Távora.
Esmerino Arruda.
Euclides Wicar.
Flávio Marcílio.
Francisco Adeodato.
Furtado Leite.
Leão Sampaio.
Lourenço Colares (10-12-65).
Martins Rodrigues.
Oziris Pontes.
Perito Teixeira (19-11-65).
Paulo Sarasate.
Ubirajara Ceará (23-12-65).

Rio Grande do Norte:

Aluizio Bezerra.
Clovis Motta.
Djalma Marinho.
Odilon Ribeiro Coutinho.

Paraíba:

Bivar Olintho.
Ernany Sátiro.
Flaviano Ribeiro.
Humberto Lucena.
Jandui Carneiro.
João Fernandes.
Luiz Bronzeado.
Plínio Lemos.
Raul de Goes.

Pernambuco:

Adelbal Jurema.
Aide Sampaio.
Andrade Lima Filho.
Arruda Câmara.
Augusto Novaes.
Aurino Valois.
Bezerra Leite.
Costa Cavalcanti.
Dias Lins.
Geraldo Guedes.
João Cleofas.
José Meira.
Luiz Pereira.
Magalhães Melo.
Milvernes Lima.
Nilo Coelho.
Oswaldo Lima Filho.
Souto Maior.
Tabosa de Almeida.

Alagoas:

Abrahão Moura.
Aloysio Nonô.
Medeiros Neto.
Oceano Carieial.
Oseas Cardoso.
Pereira Lúcio.
Segismundo Andrade.

Sergipe:

Arnaldo Garcez.
José Carlos Teixeira.
Lourival Batista.
Machado Rollemberg.
Walter Batista.

Bahia:

Aloysio Short (4-12-65).
Antonio Carlos Magalhães.
Aloisio de Castro.
Cicero Dantas.
Edgard Pereira.
Edvaldo Flores (4-12-65).
Gastão Pereira.
Heitor Dias.
Henrique Lima.
João Alves.
Josaphat Borges.
Luna Freire.
Manoel Novaes.
Mario Piva.
Necy Novaes.
Oliveira Brito.

Raimundo Brito.
Ruy Santos.
Teófilo de Albuquerque.
Tourinho Dantas.
Vasco Filho.
Vieira de Melo.
Wilson Falcão.
Espírito Santo.
Darceu Cardoso.
Dulcino Monteiro.
Floriano Rubin.
Gil Veloso.
Oswaldo Zanelli.
Raymundo de Andrade.

Rio de Janeiro:

Adanuri Fernandes (4-12-65).
Adolpho Oliveira.
Alair Ferreira.
Ario Teodoro.
Bernardo Bello.
Carlos Werneck.
Dasso Coimbra.
Edésio Nunes.
Edilberto de Castro.
Geremias Fontes.
Glenio Martins.
Josemaria Ribeiro.
Mario Tamborindeguy.
Raymundo Padilha.
Roberto Saturnino.
Heli Gomes.

Guanabara:

Adauto Cardoso.
Afonso Arinos Filho (M.E.).
Alionar Baleeiro.
Arnaldo Nogueira.
Aureo Melo.
Baeta Neves.
Benjamin Farah.
Breno da Silveira.
Cardoso de Menezes.
Eurico Oliveira.
Expedito Rodrigues.
Hamilton Nogueira.
Jamil Amiden.
Mendes de Moraes.
Noronha Filho.
Waldir Simões.

Minas Gerais:

Abel Rafael.
Aminas de Barros.
Bento Gonçalves.
Bias Fortes.
Bilac Pinto.
Celso Murta.
Celso Passos.
Cyro Maciel (S.E.).
Dnar Mendes.
Francellino Pereira.
Geraldo Freire.
Guilhermino de Oliveira.
Horácio Bethônico.
Jaeder Albergaria.
João Hercúlio.
José Bonifácio.
José Humberto (S.E.).
Manoel de Almeida.
Manoel Taveira.
Milton Reis.
Nogueira de Rezende.
Ormeo Botelho.

Ovidio de Abreu.
Padre Nobre.
Padre Vidigal.
Paulo Freire.
Pedro Aleixo.
Simão da Cunha.
Ultimo de Carvalho.
Walter Passos.

São Paulo:

Adrião Bernardes.
Afrânio de Oliveira.
Alceu de Carvalho.
Aniz Badra.
Antônio Feliciano.
Athé Coury.
Batista Ramos.
Broca Filho.
Campos Vergal.
Carvalho Sobrinho.
Condeixa Filho (S.E.).
Cunha Bueno.
Dias Menezes.
Derville Alegretti.
Ewaldo Pinto.
Franco Montoro.
Germival Feijó.
Hary Normaton.
Hamilton Prado.
Hélio Maghenzani.
Henrique Turner.
Herbert Levy.
Italo Pittipaldi (S.E.).
José Barbosa.
José Menck.
José Resegue.
Lacôrte Vitale.
Lauro Cruz.
Levy Tavares.
Lino Morganti.
Mario Covas.
Maurício Goulart.
Nicolau Tuma.
Pacheco Chaves.
Padre Godinho.
Paulo Lauro (1-12-65).
Pedro Marão.
Pedroso Junior.
Pinheiro Brisolla.
Plínio Salgado.
Sussumu Hirata.
Teófilo Andrade.
Tufy Nassif.
Ulysses Guimarães.
Yukishigue Tamura.

Goisá:

Anisio Rocha.
Benedito Vaz.
Castro Costa.
Celestino Filho.
Emival Calaco.
Geraldo de Pina.
Haroldo Duarte.
Jales Machado.
José Freire.
Ludovico de Almeida.
Peixoto da Silveira.
Rezende Monteiro.
Mato Grosso:
Correa da Costa.
Edison Garcia.
Miguel Marcondes.
Rachid Mamed.
Saldanha Derzi.
Wilson Martins.

Paraná:

Antônio Annibelli.
Antonio Baby.
Braga Ramos.
Elias Nacle.
Emilio Gomes.
Fernando Gama.
Ivan Luz.
Jorge Curi.
José Richa.
Lyrio Bertolli.
Maia Neto.
Mário Gomes.
Miguel Buffara.
Minoro Miyamoto.
Newton Carneiro.
Plínio Costa.
Rafael Rezende.
Renato Celidônio.
Wilson Chedid.

Santa Catarina:

Albino Zeni.
Antonio Almeida.

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR GERAL

ALEERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
MURILO FERREIRA ALVES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
FLORIANO GUIMARÃES

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso nas oficinas do Departamento de Imprensa Nacional

BRASÍLIA

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior		
Semestre	Cr\$	50
Ano	Cr\$	96'
Exterior		
Ano	Cr\$	136'

FUNCIONÁRIOS

Capital e Interior		
Semestre	Cr\$	39
Ano	Cr\$	76'
Exterior		
Ano	Cr\$	108'

— Excetuadas as para o exterior, que serão sempre anuais, as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano.

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

Aroldo Carvalho.
Carneiro de Loyola.
Dionício de Freitas.
Doutel de Andrade.
Laerte Vieira.
Lenoir Vargas.
Orlando Bertoli.
Osni Regis.
Pedro Zimmermann.

Rio Grande do Sul:

Adilso Viana.
Afonso Anschau.
Antônio Bresolin.
Ary Alcântara.
Brito Velho.
Cesar Prieto.
Cid Furtado.
Clovis Pestana.
Croacy de Oliveira.
Euclides Triches.
Floriano Paixão.
Jairo Brum.
José Mandelli.
Lino Braun.
Luciano Machado.
Marcial Terra (M.E.).
Matheus Schmidt.
Milton Cassel (S.E.).
Norberto Schmidt.
Osmar Grafulha.
Peracchi Barcelos.
Raul Pila.
Ruben Alves.
Tarso Dutra.
Unirio Machado.
Zaire Nunes.

Amapá:

Janary Nunes.

Rondônia:

Hegel Morhy.

Roraima:

Francisco Elesbão.

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Declaro aberta a sessão do Congresso Nacional destinada a receber a visita de Sua Majestade o Rei da Bélgica.

Sua Majestade já se encontra no edifício do Congresso Nacional.

Os Líderes e os Presidentes da Comissão de Relações Exteriores, de ambas as Casas, deverão acompanhar Sua Majestade ao recinto, a fim de que o Congresso Nacional possa prestar-lhe as homenagens previstas e manifestar-lhe o seu apreço, a sua consideração, e a satisfação dos representantes do povo brasileiro em receber tão ilustre visita, da qual resultarão os maiores benefícios para as relações internacionais entre as duas Nações que se prendem pelos mais profundos laços de amizade histórica.

Solicito à Comissão composta dos Líderes do Senado e da Câmara dos Deputados e dos Presidentes das Comissões de Relações Exteriores das duas Casas, que acompanhem ao recinto Sua Majestade o Rei dos Belgas. (Pausa).

Acompanhado da Comissão, da entrada no recinto, sob prolongada salva de palmas, e toma assento à mesa, à direita do Sr. Presidente, Sua Majestade Eudouin, Rei dos Belgas.

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — É motivo de especial júbilo para o Congresso brasileiro a visita que ora lhe faz Sua Majestade o Rei Baudouin, soberano da Bélgica.

A sua presença entre nós oferece-nos ensejo para recordações muito agradáveis para os brasileiros.

As nossas pátrias — Bélgica e Brasil — nasceram, para a vida de Estados independentes, quase na mesma ocasião — o Brasil em 1822 e a Bélgica em 1830.

Desde então um profícuo intercâmbio sempre existiu entre ambas, através de súditos belgas que vieram integrar-se na nossa vida e de brasileiros que buscaram as instituições culturais da Bélgica para o aprimoramento do espírito, e, ainda, através de uma conjugação de interesses que nos tem proporcionado a utilização,

principalmente, dos produtos da sua indústria e da sua técnica.

Alguns acontecimentos, entretanto, deixaram fixados na vida dos dois povos momentos que não podem e não devem ser esquecidos.

Em 1862, Leopoldo I, da Bélgica, era chamado a dirimir, como árbitro, grave contenda que se suscitara entre o Brasil, país ainda a ensaiar os seus primeiros passos, e uma das mais antigas e pujantes nações, em franco apogeu, entre as mais fortes potências do universo.

Leopoldo I, insensível às vozes do sangue e da amizade, que o prendiam à soberana da nação nossa antagonista, resolutamente deu sentença favorável ao Brasil.

Mais tarde, em 1914, mal irrompe a primeira grande guerra mundial, quando a Bélgica se vê invadida, os seus campos talados, as suas cidades bombardeadas, os seus templos destruídos, parte do Congresso brasileiro o primeiro protesto contra a brutal e injusta agressão, que deixara estarecido o mundo inteiro.

O Brasil passou, então, a viver, intensamente, o sofrimento da pequena nação e a encher-se de entusiasmo pela figura magnífica do seu Rei, que, à frente de suas tropas, se mostrou digno da sua gente e do amor que esta lhe votava. A seu lado, a Rainha Elisabeth, socorrendo feridos, pensando ferimentos, estancando dores, impunha-se também a veneração dos belgas, como figura benfazeja de mulher, que cresceu dia por dia na admiração do mundo.

Em 1920, passada a tormenta, cicatrizadas as feridas, restaurados os campos, restabelecidas as colheitas da terra generosa, tornada mais fecunda pelo sangue derramado pelos seus filhos, reiniciada a caminhada da Pátria, coberta de glória, no sentido dos seus grandes destinos, aqui vieram os seus soberanos, acompanhados dos filhos ainda adolescentes ou meninos, para trazer-nos a segurança do seu afeto.

Naquela oportunidade, o Senado belga votava moção que definia o sentido da viagem de seus soberanos como gesto de agradecimento dos belgas à solidariedade moral dos brasileiros no glorioso infortúnio.

Os que tiveram a fortuna de viver aqueles dias ainda guardam na memória a lembrança da alegria, do entusiasmo, da vibração que então dominavam os corações e os espíritos.

A todos conquistara a real família, pela simplicidade, pela doçura, pela cordialidade de todos os seus componentes e pelo alto conteúdo humano dos augustos soberanos.

De então para cá os laços de simpatia e de cordialidade e o intercâmbio entre os dois países se têm sempre tornado mais sólidos e mais estreitos.

Agora, passados quarenta e cinco anos, nos vêm Vossa Majestade e sua real esposa, a lembrar-nos aqueles dias de 1920.

As saudações a Sua Majestade, em nome das duas Casas do Congresso brasileiro, serão expressas pelos oradores que a seguir se farão ouvir.

Esta Presidência tem, neste instante, a satisfação de dar a palavra ao representante do Senado Federal, o Sr. Senador Antônio Carlos. (Aplausos prolongados).

O SR. ANTÔNIO CARLOS:

Sr. Presidente do Congresso Nacional, Majestade, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Srs. Ministros de Estado, Srs. Embaixadores, Autoridades, Srs. Representantes, Senhores e Senhores.

O Congresso Nacional do Brasil recebe com profunda emoção a honra da presença de Vossa Majestade.

Ela nos traz imediatamente à memória a primeira visita de um soberano belga à terra e ao povo brasileiro, que guarda indelével lembrança

do avô de Vossa Majestade, o Rei Alberto, figura admirável de dignidade, de grandeza humana e de bravura.

Imaginamos o que deve representar para Vossa Majestade esta visita a terras brasileiras. Bélgica e Brasil se associam em sua mente e em seu coração, como a pátria-mãe e o país amigo. No entanto, que contrastes de perspectivas! Lá, as criações imortais da arte flamenga, as obras de um Breughel, de um Vander Goes, de um Rubens, de um Van Dyck, a Grande Praça, os palácios. Aqui, uma arte jovem, procurando ainda seus modos definitivos de expressão, permitindo-se todos os arrojos, dando ao cimento e à pedra a flexibilidade plástica que os tornem dóceis aos caprichos de uma imaginação inconformada. Lá, uma paisagem onde a presença e o trabalho do homem são visíveis em toda a parte. Aqui, uma natureza opulenta e hostil, generosa e provocadora, como um desafio ao homem para a domar e a fecundar, sem lhe destruir o esplendor original.

É com verdadeira admiração que o Brasil acompanha as surpreendentes realizações da nação cujos destinos a Providência de Deus confia à juventude de Vossa Majestade. Nação irmã na fé e na unidade das mesmas tradições culturais.

Admiramos em sua pátria o equilíbrio interno alicerçado na sabedoria política e no tradicional bom-senso, pelo qual, acima das diferenças étnicas, das divergências ideológicas, soube ela configurar a realidade de uma nação soberana. Polarizações internas, que lhe têm causado, por vezes, graves crises e profundos traumatismos, não conseguiram romper aquela unidade nacional de que Vossa Majestade é o símbolo vivo e o agente eficaz.

A Bélgica surge para nós como uma obra-prima de equilíbrio e de bom-senso, na qual o Brasil tem muito que aprender no decurso histórico, com que se defronta, de preservar sua grandeza continental, trabalhada por tensões internas e polarizações de natureza bem diversa. Em sua visita à nossa terra, Vossa Majestade terá tido a oportunidade de conhecer não apenas um, mas vários "Brasil", divididos por contrastes regionais, por contrastes setoriais, por contrastes socio-econômicos. Em nossa evolução histórica, não chegamos ainda ao ponto crítico da consciência plenamente reflexa desta situação. Mas tudo leva a crer que caminhamos rapidamente para lá. E, neste momento, mais que nunca, o exemplo da Bélgica, o modelo belga, o milagre belga, ser-nos-á particularmente precioso e sua evocação, oportuna.

A visita de Vossa Majestade, hoje oferece-nos o ensejo para uma observação privilegiada na história de um povo que se desenvolve. Assiste Vossa Majestade, entre nós, a um momento sagrado, a um momento em que nasce um povo para sua própria história.

Emergindo de uma crise política, social, financeira e administrativa, o povo brasileiro, consciente dos sacrifícios que se lhe iam pedir, partiu para a formulação de seu projeto nacional para a integração de todos os que vivem em nossa terra, num processo de desenvolvimento geral, que aspiramos seja irreversível.

Não é aspiração nossa que as soluções que vêm sendo dadas à crise brasileira — todas elas condicionadas ao passado recente — tenham como objetivo manifesto ou oculto romper um impulso de promoção popular para uma autêntica democracia. Antes, devem constituir os instrumentos para, superando com bravura, tanto os excessos como as tibiezas, criar as condições reais para que encontremos os caminhos que nos conduzirão a nosso destino.

Esta é a nossa inabalável intenção. Este é o nosso firme propósito.

Seduz-nos, no país de Vossa Majestade, o senso de justiça social que inspirou a solução dos mais graves problemas com que se defrontam as nações modernas. A presença de um poder central consciente de suas responsabilidades e atento às limitações de suas competências, a atenção de um Estado fiel à sua função de subsidiariedade propiciaram, em sua pátria, a elaboração de um sistema educacional modelo, onde a iniciativa particular e a autoridade pública lealmente colaboram na preparação do homem de amanhã. Os organismos belgas de assistência e seguridade social, as "mutualités", são, sabidamente, um padrão de eficiência. A organização sindical belga atingiu um nível de maturidade onde o diálogo é a regra, e o critério supremo é a conciliação dos justos interesses de classe com o bem comum da nação. No setor rural, bastará lembrar aqui o "Boeren Bond", a Liga dos Agricultores, para nos referirmos a uma das mais notáveis instituições de assistência integral ao homem do campo.

Creio que não devemos perder o presente oportunidade, sem aproveitá-la para um preito de gratidão à nação belga, por tudo aquilo que fez em prol da civilização cristã e ocidental.

Quando as caravelas se recolheram exaustas da grande jornada das nações ibéricas, no surto da expansão missionária e colonizadora, foram os missionários belgas, entre os de muitos outros países, que se revezaram na labuta.

Segundo no encaixe dos que se aventuraram na conquista de novos mercados e na ampliação de impérios coloniais, eles palmilharam todas as rotas do mundo, levando por toda a parte uma mensagem de amor e o testemunho do heroísmo cristão. Voz mais pura da consciência ocidental, se seus protestos contra a ganância voraz, contra a injusta opressora, tivessem sido ouvidos em tempo, a emancipação dos povos coloniais, a que o nosso século teve a glória de assistir e Vossa Majestade a glória de presidir no Congo, Ruanda e Burundi, talvez não teria custado tanto sangue, talvez se teria realizado como um processo natural de um novo ser que se abre para a vida. Nesse momento, qualquer que seja a nossa posição religiosa ou ideológica, não podemos deixar de prestar uma homenagem de veneração à figura admirável de Damiano Venster, símbolo do heroísmo missionário da pátria de Vossa Majestade, o apóstolo dos leprosos, que, voluntariamente, em Molokai, se sepultou vivo entre eles, para lhes trazer, pela sua presença, a mais nobre expressão da solidariedade humana e cristã, até que a enfermidade atroz terminasse sua obra de devastação e consumasse seu holocausto. A este vértice de grandeza humana, que repousa numa modesta igreja de Louvain, queremos, hoje, invocar, para que desperte no vosso e no nosso país o mesmo sentimento de solidariedade que é o grande penhor da humanidade de amanhã, da humanidade que haverá de superar os ódios e os conflitos, a sordidez dos interesses de pessoas, grupos e nações, e que haverá de descobrir toda a grandeza do amor de que o Padre Damiano continua a ser um dos mais esplêndidos modelos.

Falei em Louvain, e não posso omitir aqui uma referência à "Alma Mater", à velha universidade, cuja seiva imperecível a fez ressuscitar das cinzas de duas destruições, cujos mestres contribuíram para a formação intelectual de Vossa Majestade. Universidade Católica de Louvain, onde se formaram tantos brasileiros que a ela devem o fio do que irradiam na nossa juventude. Universidade Cató-

lica de Louvain que, em boa hora, criou o Instituto para o Estudo do Desenvolvimento, e, ainda hoje, abriga mais de cinquenta bolsistas brasileiros, que, em breve, poderão vir colaborar conosco na urgente tarefa da promoção nacional. Universidade Católica de Louvain à cuja sombra nasceu o Colégio para a América Latina, do qual já saíram tantos jovens, que, cheios de entusiasmo e idealismo, trabalham agora nos mais remotos rincões de nosso Continente, na árdua tarefa de civilização e cristianização de nossas populações. Mesmo com risco de infringir regras protocolares, permito-me pedir a Vossa Majestade que continue a dispensar a essas iniciativas o interesse e o apreço que sempre lhes manifestou.

Mas não se esgotam aqui nossas dívidas para com a Bélgica. Devo, ainda, lembrar que, na minha terra de Santa Catarina, na primeira metade do século XIX, uma colonização belga povoou áreas do baixo Vale do Itajaí. Hoje, no novel Município de Ilhota e nos Municípios vizinhos de Gaspar e Luis Alves, os Mace, Deschamps, Hostim, Lesser, Castellan, Van Zolter testemunham a valiosa contribuição do sangue belga ao progresso social e econômico de meu Estado. (Palmas.)

É com verdadeiro entusiasmo, por outro lado, que nós, católicos brasileiros, acompanhamos a desastrosa atuação, no Concílio Ecumênico, de Sua Eminência o Cardeal Suenens. Filhos de uma terra jovem, é com emoção que constatamos quanto sabe ele se identificar com os graves problemas humanos do chamado mundo subdesenvolvido.

Mas ninguém, mesmo que não tenha formação católica, pode negar sua homenagem de admiração e respeito a outra grande figura da Bélgica, o hoje Cardeal Cardijn, fundador da Juventude Operária Católica. Humilde de origem, filho de um mineiro, este filho do povo dedicou sua vida ao operário. Quando em 1925 reunia seu pequeno grupo de bravos, mal podia ele pensar na imensa importância que teria, para o mundo do trabalho, o movimento que então criara. Hoje, milhares de jovens operários, de todos os continentes, encarnam, na J.O.C. de Cardijn, a mais viva fonte de inspiração de um cristianismo autêntico, para dar, ao mundo operário, o testemunho do Cristo.

Que a visita de Vossa Majestade ao Brasil contribua para estreitar mais ainda os laços que unem as duas pátrias. Contribua, no grave momento que atravessamos, para nos evocar o exemplo de uma nação que também, através de duras penas, encontrou o seu caminho, e hoje pode apresentar-se ao mundo orgulhosa pelas suas realizações e pela sua fé de serviços à causa da humanidade. Que essa visita proporcione a Vossa Majestade, também, a oportunidade de bem conhecer a cordialidade de um povo jovem, confiante nos seus destinos e decidido a realizar em sua grandeza continental tudo de belo e de bom que seu povo soube criar no seu pequeno e grande país.

Que a visita de Vossa Majestade contribua para que a Bélgica e o Brasil se unam cada vez mais no esforço comum por inaugurar no mundo a era da justiça para cada um e da paz para todos.

Que ela contribua para que Bélgica e Brasil ainda mais se constituam em fatores para a concretização dos ideais de uma comunidade humana fundada no direito, na qual todos os homens e todos os povos, sem distinção de cor, de cultura, de religião, de riquezas, encontrem as garantias eficazes para viverem com dignidade.

Quero, finalmente, em nome do Senado Brasileiro, desejar ao Rei dos Belgas e à Sua Majestade a Rainha Fabiola uma boa permanência entre nós. (Palmas.)

Deus guarde Vossas Majestades. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Para saudar Sua Majestade o Rei dos Belgas, em nome da Câmara dos Deputados, dou a palavra ao Sr. Deputado Aderbal Jurema.

O SR. ADERBAL JUREMA:

Sr. Presidente do Congresso Nacional, Magestade, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Srs. Congressistas, Srs. Ministros de Estado, minhas Senhoras, meus Senhores.

A presença de Suas Majestades o Rei e a Rainha dos Belgas neste Planalto, de onde se descortina a imensidão de nosso território, dá a nós, brasileiros, que estamos plantando aqui as sementes da interiorização de nossa Pátria, a medida exata do magnífico exemplo que a Bélgica oferece a todos os povos da terra naqueles trinta mil e quinhentos quilômetros quadrados com nove milhões de habitantes. Exemplo de um povo que soube, com inteligência e bravura herdadas de seus antepassados, atravessar os períodos mais críticos de sua vida nacional, graças a uma capacidade de recuperação que assombra o mundo.

Magestade:

As nossas origens lusas estão mais próximas das vossas origens franco-germânicas do que à primeira vista se poderia julgar. Foram os vossos antepassados que abriram os caminhos do mar à civilização e à cultura, influenciando na sobre gente portuguesa através não apenas da atividade mercantil de portos como Anvers e Honfleur, mas também no intercâmbio das artes flamengas, que repercutiram direta e indiretamente na formação estética de nossos descobridores e na sensibilidade artística de nossa gente.

Os mercadores flamengos mantinham em profícua atividade a esquadra de Flandres que ligava Veneza às cidades do Norte da Europa, com escala obrigatória pelo porto lisboeta, na antiga Ribeira das Naos. Comércio, aliás, tão intenso que, em 411, foi bafejado pelos favores d. "Carta de Gand", concedendo privilégios oficiais aos mercadores lusos que transacionavam com a região das Flandres. E Bruges, a capital da Flandres ocidental, antes do século XVI já comerciava com Lisboa, trocando os seus tecidos pelos bons vinhos e o melhor azeite da península. Relações comerciais e políticas muito antigas, que datam dos primeiros tempos da formação da nacionalidade portuguesa. "Bastante tempo antes da revolução econômica do século XV, diz-nos o historiador luso Gonçalves Pereira, já os produtos portugueses de exportação — azeite, vinhos, frutas secas, peles e couros — saíam do nosso continente para a Flandres e desta vinham mercadores e mercadores a Lisboa, onde exerciam ativamente o comércio, sobretudo o de panos."

E nas Artes, assinala Júlio Dantas, sucedem-se "as encomendas de quadros aos mestres flamengos", como também "muitos portugueses vão aprender à Flandres (Eduardo Portugalos era, em 1504, discípulo de Quentin Metsys) e muitos mestres da Flandres vêm pintar para Portugal, como Frei Carlos, como Francisco Henrique (filho de português e de brabantina), como outros que trabalhavam na oficina de Jorge Afonso, a São Domingos, nacionalizando-se até certo ponto na emoção e nos processos, adotando as nossas "tintas opalinas", sentindo, como nós — diz ainda Júlio Dantas —, a nossa luz e a nossa paisagem". Luz e paisagem que, no Brasil, tomaram conta das telas de Frans Post, pintadas no Recife do tempo de Maurício de Nassau, hoje a capital cultural do Nordeste brasileiro. Cidade que, diga-se de passa-

gem, recebeu, também, através dos mestres-de-obras flamengos, notável influência na sua arquitetura portuária, como ainda atestam os seus velhos sobrados de empenas agudas, à maneira das construções de Bruges e Anvers. Daí encontrarmos nos primitivos flamengos da grandeza de Pieter Bosch a tela clássica "A Tentação de Santo Antônio", o de Lisboa, e não o de Pádua, sem esquecermos a influência marcante na pintura portuguesa da arte de Rubens e Van Dyck, expressões geniais da escola flamenga do Renascimento.

Fiel às suas origens histórica, a Bélgica de hoje aqui se encontra autenticamente viva nas figuras de Suas Majestades o Rei Baudouin I e a Rainha Fabiola (Palmas), que nos vêm falar do admirável e imenso esforço que fizeram para restaurá-la depois da passagem apocalíptica das divisões "Panzer" pelos seus campos bem cuidados e pelas suas cidades industrializadas. Uma Bélgica que ultrapassou a sua medida geográfica projetando-se como uma Nação superindustrializada não só no Mercado Comum Europeu como também em outras terras de além-mar, na melhor tradição quinhentista de expansão de seus produtos manufaturados. Uma Bélgica que se coloca, agora, no primeiro lugar entre os exportadores de produtos fotográficos e de cimento; o terceiro em cobre e zinco; e o quinto em chumbo. Daí poder ostentar o galardão de nona potência comercial do mundo, intervindo em 35 por cento do intercâmbio internacional, enquanto a sua população representa apenas 0,3 por cento da do globo. Nove milhões de belgas vendem no estrangeiro tanto como 50 milhões de italianos, mais da metade do que exportam 45 milhões de franceses e mais do terço de 55 milhões de alemães. Em termos rigidamente estatísticos, num relacionamento econômico exato, a Bélgica é o primeiro exportador entre os países industriais do mundo, valendo um belga por dois alemães ou dois britânicos, ou três franceses ou quatro norte-americanos.

A parcimônia com que a natureza dotou o seu solo e a densidade populacional de 300 belgas por km² conduziram os seus estadistas e os seus homens de empresa a uma política séria de valorização da mão-de-obra como riqueza principal da Nação, orientando a sua força produtiva para o exterior: 40 por cento da sua produção industrial são vendidos fora de suas fronteiras.

Esta, a lição admirável que dá aos povos da América Latina, e do mundo. Lição que se não improvisa, mas que se aprende com determinação, cogarem e perseverança, virtudes primordiais do seu povo, que homeizagemos na figura jovial e lúcida de seu Rei, chefe de uma Monarquia Constitucional que se instaurou em 1831 e que conta, na atualidade, com estadistas da projeção internacional do Primeiro-Ministro, Pierre Harmel, do Vice-Primeiro-Ministro, Paul Henry Spaak, e do Ministro das Relações Exteriores, Ernest Adam.

País profundamente cristão e católico (quem não guarda na memória da adolescência as aventuras de Godofredo de Bouillon, o comandante romântico da Primeira Cruzada, e as façanhas de Balduino de Flandres Hainaut, que chegou a ser Imperador de Constantinopla nos idos de 1204?), a Bélgica é chamada popularmente de Coração da Europa, não só pela sua posição geográfica, mas também pelo muito que sofreu em holocausto à liberdade, nas duas grandes guerras que evastaram o mundo em 14-18 e 39-45.

Nomes de cidades famosas, forjadas na luta pela fé cristã e pela afirmação das liberdades democráticas e

do livre comércio, ecoam ainda hoje em nossos ouvidos: Bruges, Gand, Bruxelas, Liège, Anvers, Louvain — no seu amor à autonomia local e à vida corporativa. Elas foram o cadinho do espírito de unidade nacional profundamente democrática que hoje norteia a Bélgica de Baudouin I.

E Não foi por acaso que lá viveram humanistas como Justo Lipse e Erasmo — aquele mesmo Erasmo de Roterdã que viveu algum tempo na universidade inglesa de Cambridge e que meus olhos viram o seu tugúrio, que a Inglaterra guarda e venera como um tesouro, como uma relíquia.

A Longa noite chegou para os campos e cidades belgas não através da Idade Média, reabilitada contemporaneamente na obra de Nicolas Berdiaeff e na fecunda herança humanística que legou à cultura ocidental, mas no chamado "século da desgraça", quando as guerras de Luís XIV atraíram para o seu território os exércitos de quase toda a Europa, transformando a Bélgica num estranho laboratório de experiências guerreiras.

A Sua Independência se fez oito anos depois da nossa, a 4 de outubro de 1830, coroamento de uma insurreição que rebentou durante um espetáculo no Teatro Monnaie, em Bruxelas. E de 1831 até agora a Monarquia Constitucional dos belgas conseguiu atravessar todas as crises nacionais e estrangeiras, vencendo, pela sagacidade de seus constituintes e pela bravura de sua gente, a marcha do tempo em direção a um futuro de progresso, de paz e de afirmação democrática, onde a compreensão mútua entre a administração pública, a organização patronal e o sindicato operário coopera para manter os valores e a vida mesma de uma Nação cristã. Vale, aqui, assinalar a conclusão a que chegou o historiador belga B. Serge Chleppner, no seu livro "Cents ans d'histoire sociale en Belgique": "C'est un régime multiple, fluide, en pleine évolution".

Recebemos, hoje, nesta jovem Capital, que é o coração deste imenso país, o coração da Europa personificado nas figuras reais de Baudouin I e Fabiola. (Palmas). Eles nos trazem uma mensagem de entendimento fraterno e de intercâmbio cultural mercantil através de seus estadistas e de seus soldados, de seus artistas e de seus cientistas, de seus técnicos e de seus homens de empresa, que deram meia dúzia de prêmios Nobel e que souberam transformar em riqueza perene o enorme potencial de mão-de-obra de que dispõem.

Magestade:

A Sua visita, nesta hora, tem o significado e um estímulo para os brasileiros que estão defendendo nos campos e nas cidades, o destino da nacionalidade numa batalha cotidiana contra a inflação e as dificuldades da aspera vida nos trópicos. Batalha que haveremos de vencer, porque as raízes comuns que nos irmanam já deram provas de que o Brasil do presente não se contentará em ser apenas o País do futuro, porém a Nação dos contemporâneos, na pujança produtiva e seus filhos e na determinação os que possuem uma parcela de responsabilidade no desenvolvimento e no progresso desta terra de regiões variadas, de clima diversificado, de problemas complexos, mas também de um só sentimento de brasilidade, uno e indivisível como a própria Pátria. (Palmas)

Deste planalto e do litoral brasileiros, Vossas Magestades não levarão apenas o calor de nosso sol tropical, mas, sobretudo, o calor de nosso abraço afetuosamente brasileiro e igual àquela que há 45 anos proporcionamos, para honra nossa, ao Rei Cavaleiro que o foi por toda a vida —

antes, durante e depois da Guerra de 14. (Palmas)

Por delegação da Câmara dos Deputados do Brasil, nesta sessão conjunta do Congresso Nacional, saudamos Vossas Magestades o Rei e a Rainha dos belgas como a Flor e o Canto de um povo livre. Flor que se desabrocha nas virtudes humanitárias e no "charme" de beleza da Rainha Fabiola (Palmas) e Canto que se exprime na palavra de Estadista esclarecido do Rei Baudouin I.

Flor e Canto dos belgas: levei nos Vossos corações a mensagem de amor e de entendimento fraterno que o povo brasileiro envia ao grande povo da Bélgica. (Muito bem! Muito bem! Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — Neste instante, tenho a honra de conceder a palavra a Sua Magestade, o Rei Baudouin. (Os presentes aplaudem de pé)

SUA MAJESTADE O REI BAUDOUIN — Monsenhor le Président, Messieurs les Sénateurs, Mesdames et Messieurs les Députés,

Les discours qui viennent d'être prononcés, au nom de la Nation brésilienne, par les porte-parole des deux assemblées réunies solennellement dans cette enceinte, m'ont apporté l'éloquent témoignage que votre pays n'a cessé de cultiver pour le mien cette amitié profonde et loyale qui s'affirma jadis avec éclat.

Je tiens, pour la Belgique et pour moi-même, à vous en exprimer ma vive reconnaissance et à vous donner l'assurance que nous continuons, nous aussi, à être animés des mêmes sentiments à l'égard du noble et fier peuple brésilien.

Il ne m'est pas indifférent que le Brésil soit la dernière étape de notre trop bref périple en Amérique Latine. Votre pays occupe, en effet, au flanc de l'hémisphère latino-américain, une position prépondérante par son potentiel énergétique, ses ressources prodigieuses en matières, sa population nombreuse et dynamique. Disposant de pareils atouts pour s'insérer dans le mouvement général de développement économique et de progrès social qui va s'accéléralant dans l'ensemble du Nouveau Monde, le Brésil, plus que tout autre pays du continent américain, suscite l'intérêt des observateurs étrangers.

Il appartiendra, à l'avenir, aux Européens et Latino-Américains de poursuivre, sous la protection de la Providence, leurs efforts pour transformer définitivement leurs relations de coïncidence à continent en un dialogue confiant et fraternel, exempt de tensions ou de distorsions graves. Il importe pour cela que ne soit négligée aucune initiative susceptible de promouvoir un meilleur équilibre des échanges et l'élimination des dénivellements trop accusés entre pays industrialisés et pays fournisseurs de matières premières.

La Belgique est, en effet, profondément convaincue que la sauvegarde de la paix dans le monde passe aussi par une organisation plus rationnelle du négoce international; les positions qu'elle a adoptées et les suggestions qu'elle a faites à la Conférence des Nations Unies sur le Commerce et le Développement, réunie à Genève, en 1964, l'ont expressément confirmé.

La démarche de mon pays au sein de la Communauté Economique Européenne s'inspire du même objectif et la volonté manifestée par les hautes instances du Marché Commun de favoriser les échanges avec l'Amérique Latine est assurée d'avance de l'appui total du gouvernement belge.

Les perspectives qui s'ouvrent au regard bien de cette future coopération, dont l'avenir s'inscrit déjà dans le cadre d'une intégration économique et politique esquissée par l'Organisation des Etats Américains et l'Association Latino-Américaine de Libre Echange.

Je me félicite que votre aimable invitation à prendre la parole devant votre éminente Assemblée m'ait permis d'apporter aux autorités et à l'opinion brésiliennes un témoignage des liens qui attachent à vous la vieille Europe, consciente de ses devoirs de solidarité à l'égard de l'hémisphère latino-américain. La Belgique, en particulier, s'honore, dès lors, que le souhait lui en est exprimé, d'apporter aux efforts qui s'y poursuivent son concours dans les domaines où sa propre expérience peut se révéler bénéfique.

En prenant congé de vous, Monsieur le Président, Mesdames et Messieurs, je forme le vœu que cette collaboration, en particulier avec le Brésil, se développe et s'amplifie dans l'amitié et l'estime réciproques.

TRADUÇÃO DO DISCURSO PROFERIDO POR SUA MAJESTADE, O REI BAUDOUIN:

Senhor Presidente,

Senhores Senadores,

Senhoras e Senhores Deputados,

Os discursos que acabam de ser pronunciados em nome da Nação brasileira, pelos representantes das Assembleias solenemente reunidas neste recinto, testemunharam com eloquência que vosso país sempre teve pelo meu, uma amizade profunda e leal já tão comprovada no passado.

Desejo, em nome da Bélgica e no meu mesmo, expressar-vos meu sincero reconhecimento e assegurar-vos que nós também continuamos animados dos mesmos sentimentos com relação ao nobre e ativo povo brasileiro.

Não é sem razão que o Brasil constitui a última etapa de nosso curto periplo na América Latina. Vosso país ocupa de fato, no flanco do hemisfério latino-americano, uma posição preponderante pelo seu potencial energético, seus prodigiosos recursos de matérias primas, sua população numerosa e dinâmica. Dispondo de tais vantagens para se inserir no movimento geral do desenvolvimento econômico e progresso social que se vai acelerando no Novo Mundo, o Brasil, mais do que qualquer outro país no continente americano, desperta o interesse dos observadores estrangeiros.

Os Europeus e os Latino-Americanos deverão prosseguir, sob a proteção da Divina Providência, nos seus esforços para transformar definitivamente suas relações de continência a continente num confiante e fraterno diálogo isento de tensões ou distorções graves. É importante que para tal fim não se despreze qualquer iniciativa suscetível de promover um melhor equilíbrio de trocas e a eliminação dos desníveis por demais fortes entre países industrializados e países fornecedores de matérias primas.

A Bélgica está, de fato, profundamente convencida de que a salvaguarda da paz do mundo exige também uma organização mais racional do comércio internacional; as posições que adotou e as sugestões por ela feitas na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, reunidas em Genebra em 1964, confirmaram expressamente este ponto de vista.

As iniciativas de meu país no seio da Comunidade Econômica Europeia inspiram-se do mesmo objetivo e o desejo manifestado pelas altas instâncias do Mercado Comum de favorecer o intercâmbio comercial com a

América Latina já tem de antemão o apoio total do Governo belga.

São excelentes as perspectivas desta futura cooperação já delineada no quadro duma integração económica e política esboçada pela OEA e pela ALALC.

Felicito-me de que vosso amável convite de tomar a palavra perante esta egrégia Assembléa me tinha permitido trazer às autoridades e à opinião brasileiras mais uma prova de amizade que tem pelo vosso país a velha Europa consciente do seus deveres de solidariedade para com o hemisfério Latino-Americano.

E para a Bélgica uma honra, já que tal necessidade lhe foi expressa, somar sua contribuição, lá onde sua experiência pode se revelar benéfica no esforço geral que prossegue.

Despedindo-me de Vossas Exceências, Senhor Presidente, Senhores e Senhoras, faço votos de que esta colaboração, particularmente com o Brasil, se desenvolva e se amplifique numa amizade e estima recíprocas. *(Muito bem! muito bem! O Plenário aplaude de pé.)*

O SR. PRESIDENTE:

(Moura Andrade) — A Presidência do Congresso Nacional agradece a honrosa visita de Sua Majestade o Rei dos Belgas.

Possa Sua Majestade, ao regressar à sua gloriosa pátria, levar-lhe a segurança de que, no Brasil e nos brasileiros, são cada vez mais intensos os sentimentos de afeto, de admiração e carinho pela Bélgica imortal — a Bélgica de Leopoldo I, a Bélgica de Alberto I e Elisabeth e a Bélgica de Baudouin e Fabiola. *(Palmas.)*

A Comissão de Líderes designada, no início da presente sessão, acompanhará Sua Majestade até o Salão Nobre do Congresso, onde o real visitante terá oportunidade de receber os cumprimentos dos Congressistas brasileiros. *(Palmas.)*

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 12 horas e 5 minutos.)

ATA DA 101ª SESSÃO CONJUNTA, EM 10 DE NOVEMBRO DE 1965

PRESIDENCIA DO SR. GUIDO MONDIN.

As 21 horas e 30 minutos acham-se presentes os Senhores Senadores:

Alberto Sena
José Guimard
Oscar Passos
Vivaldo Lima
Edmundo Levi
Zacharias de Assumpção
Cattete Pinheiro
Eugênio Barros
Sebastião Archer
Joaquim Parente
José Cândido
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Wilson Gonçalves
Dix-Huit Rosado
Dinarte Maris
Walfredo Gurgel
João Agripino
Barros Carvalho
Pessoa de Queiroz
Silvestre Pricles
Rui Palmeira
Heribaldo Vieira
José Leite
Eduardo Catalão
Josaphat Marinho
Jefferson de Aguiar
Eurico Rezende
Raul Giuberti
Vasconcelos Torres
Aurélio Vianna
Milton Campos
Benedicto Valladares

Padre Calzans
Lino de Mattos
João Abrahão
Pedro Ludovico
Lopes da Costa
Bezerra Neto
Adolpho Franco
Mello Braga
Antônio Carlos
Guido Mondin
Daniel Krieger
Mem de Sá

E os Srs. Deputados:

Acre

Altino Machado
Armando Leite
Geraldo Mesquita
Jorge Kalume
Mário Maia
Rui Lino
Wanderley Dantas

Amazonas

Djalma Passos
José Esteves
Leopoldo Peres
Paulo Coelho
Antunes Oliveira

Pará

Burlamaqui de Miranda
Gilberto Campelo Azevedo
João Menezes
Lopo Castro
Stelio Maroja
Waldemar Guimarães

Maranhão

Alexandre Costa
Cid Carvalho
Clodomir Millet
Eurico Ribeiro
Henrique La Rocque
Ivar Saldanha
Joel Barbosa
José Burnett
José Sarney
Lister Caldas
Luiz Coelho
Mattos Carvalho
Pedro Braga

Piauí

Chagas Rodrigues
Dyrno Pires
Ezequias Costa
Gayoso e Almendra
Heitor Cavalcanti
João Mendes Olímpio
Moura Santos

Ceará

Alfredo Barreira (22-11-65)
Alvaro Lins
Costa Lima
Dager Serra (22-10-65)
Edilson Melo Távora
Esmerino Arruda
Euclides Wicar
Flavio Marcello
Francisco Adeodato
Furtado Leite
Leão Sampaio
Lourenço Colares (10-12-65)
Martins Rodrigues
Oziris Pontes
Perilo Teixeira (19-11-65)
Paulo Sarasate
Ubirajara Ceará (28-12-65)

Rio Grande do Norte

Aluisio Bezerra
Clóvis Motta
Djalma Marinho
Odilon Ribeiro Coutinho

Paraíba

Bivar Olintho
Ernany Sátiro
Flaviano Ribeiro
Humberto Lucena
Jandui Carneiro
João Fernandes
Luiz Bronzeado
Plínio Lemos
Raul de Góes

Pernambuco

Aderbal Jurema
Alde Sampaio
Arruda Câmara
Augusto Novaes
Aurino Valois
Bezerra Leite
Costa Cavalcanti
Dias Lins
Geraldo Guedes
João Cleofas
Luiz Pereira
Magalhães Melo
Milvernes Lima
Ney Maranhão
Nilo Coelho
Oswaldo Lima Filho
Souto Maior
Tabosa de Almeida

Alagoas

Abraão Moura
Aloysio Nonô
Medeiros Neto
Muniz Falcão
Oceano Carleial
Oséas Cardoso
Pereira Lúcio
Segismundo Andrade

Sergipe

Arnaldo Garcez
José Carlos Teixeira
Lourival Batista
Lopo Castro
Machado Rollemberg
Walter Batista

Bahia

Aloysio Short (4-12-65)
Antonio Carlos Magalhães
Aloisio de Castro
Cicero Dantas
Edgard Pereira
Edvaldo Flores (4-12-65)
Gastão Pedreira
Heitor Dias
Henrique Lima
Luna Freire
João Alves
Josaphat Borges
Manoel Novaes
Mario Piva
Necy Novaes
Oliveira Brito
Oscar Cardoso
Pedro Catalão
Raimundo Brito
Regis Pacheco
Ruy Santos
Teódulo de Albuquerque
Tourinho Dantas
Vasco Filho
Vieira de Melo
Wilson Falcão
Espírito Santo
Argilano Dario
Dirceu Cardoso
Dulcino Monteiro
Floriano Rubin
Gil Veloso
Oswaldo Zanello
Raymundo de Andrade

Rio de Janeiro

Adahuri Fernandes (4-12-65)
Adolpho Oliveira
Afonso Celso
Alair Ferreira
Ario Teodoro
Bernardo Bello
Carlos Werneck
Daso Coimbra
Edésio Nunes
Edilberto de Castro
Geremias Fontes
Glênio Martins
Jorge Said-Cury (3-11-65)
Josemaria Ribeiro
Raymundo Padilha
Roberto Saturnino
Heil Ribeiro

Guanabara

Adauto Cardoso
Afonso Arinos Filho
Alomar Baleeiro
Arnaldo Nogueira

Aureo Melo
Baeta Neves
Benjamin Farah
Breno da Silveira
Cardoso de Menezes
Eurico Oliveira
Expedito Rodrigues
Hamilton Nogueira
Jamil Amiden
Mendes de Moraes
Noronha Filho
Waldir Simões
Vago

Minas Gerais

Abel Rafael
Aécio Cunha
Aminatas de Barros
Aquiles Diniz
Austresilo de Mendonça
Bento Gonçalves
Bias Fortes
Bilac Pinto
Carlos Murilo
Celso Murta
Celso Passos
Cyro Maciel
Dnar Mendes
Francelino Pereira
Geraldo Freire
Guilhermino de Oliveira
Horácio Bethônico
Jaeder Albergari
João Hercúlio
José Bonifácio
José Humberto
Manoel de Almeida
Manoel Taveira
Milton Reis
Nogueira de Rezende
Ormeo Botelho
Ovidio de Abreu
Ozanam Coelho
Padre Vidigal
Paulo Freire
Pedro Aleixo
Pinheiro Chagas
Renato Azeredo
Simão da Cunha
Tancredo Neves
Último de Carvalho
Walter Passos

São Paulo

Adrião Bernardes
Afranio de Oliveira
Alceu de Carvalho
Aniz Badra
Antônio de Barros
Antônio Feliciano
Atilé Coury
Batista Ramos
Broca Filho
Campos Vergal
Carvalho Sobrinho
Celso Amaral
Condeixa Filho
Cunha Bueno
Dias Menezes
Derville Alegratti
Ewaldio Pinto
Franco Montor
Germival Feijó
Harry Normaton
Hamilton Prado
Hélcio Maghensani
Henrique Turner
Italo Fittipaldi
Ivete Vargas
José Barbosa
José Menck
Lacôrte Vital
Lauro Cruz
Levy Tavares
Lino Morganti
Mário Covas
Mauricio Goulart
Nicolau Tuma
Pacheco Chaves
Padre Godinho
Paulo Lauro (1-12-65)
Pedro Marão
Pedroso Júnior
Pinheiro Brisolla
Plínio Salgado
Sussumu Hirata
Teófilo Andrade

Tufy Nassif
Ulysses Guimarães
Yukihigue Tamura

Goiás

Anísio Rocha
Benedito Vaz
Castro Costa
Celestino Filho
Geraldo de Pinas
Haroldo Duarte
Jales Machado
José Freire
Ludovico de Almeida
Peixoto da Silveira
Rezende Monteiro
Mato Grosso
Correia da Costa
Edison Garcia
Miguel Marcandres
Rachid Mamed
Saldanha Derzi
Wilson Martins

Paraná

Antônio Annibelli
Antônio Baby
Braga Ramos
Elias Nacle
Emílio Nacle
Fernando Gama
Ivan Luz
Jorge Curi
José Richa
Lyrio Bertolli
Maia Neto
Mário Gomes
Minoru Miyamoto
Newton Carneiro
Plínio Costa
Rafael Rezende
Renato Celidônio
Wilson Chedid
Zacarias Selame

Santa Catarina

Albino Zeni
Antônio Almeida
Aroldo Carvalho
Carneiro de Loyola
Dionício de Freitas
Doutel de Andrade
Laerte Vieira
Lenoir Vargas
Orlando Bertoli
Osni Régis
Paulo Macarini
Pedro Zimmermann

Rio Grande do Sul

Adílio Viana
Afonso Anschau
Antônio Bresolin
Ary Alcântara
Brito Velho
Cesar Prieto
Clóvis Pestana
Croacy de Oliveira
Euclides Triches
Floriano Paixão
Giordano Alves
Jairo Brum
José Mandelli
Lino Braun
Lucano Machado
Marcial Terra
Matheus Schmidt
Milton Cassel
Norberto Schmidt
Osmar Grafulha
Peracchi Barcelos
Raul Pila
Rubens Alves
Tarso Dutra
Unifrio Machado
Zaire Nunes

Amapá

Janary Nunes

Rondônia

Hegel Morhy

Roraima

Francisco Elesbão

O SR. PRESIDENTE:

(Guido Mondim)

As listas de presença acusam o comparecimento de 45 Srs. Senadores e 330 Srs. Deputados, num total de 375 Srs. Congressistas.

Havendo número legal, declaro aberta a sessão.

Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão, que é aprovada sem debates.

O SR. PRESIDENTE:

(Guido Mondim) — Srs. Congressistas: consta da Ordem do Dia desta sessão a votação, em turno único, do Projeto de Lei nº 10, de 1965, que aprova o Plano Diretor de Desenvolvimento do Nordeste para os anos de 1966-1967 e 1968, e dá outras providências. O Sr. Relator da matéria na Comissão Mista encaminhara à mesa requerimento de destaque de diversas emendas. Entretanto, observou a Presidência que para algumas emendas do destaque que requeria não mencionava os respectivos números.

A fim de fazer a necessária verificação desses números tarefa que demandará algum tempo, vou encerrar a presente sessão. Em seguida, realizaremos a sessão do veto em cujo transcurso a Presidência determinará se ainda hoje levaremos a efeito a reunião marcada para a primeira parte dos nossos trabalhos desta noite.

Assim, Srs. Congressistas, encerrando esta sessão, informo a V. Exs. que dentro de dez minutos, talvez antes, realizaremos a sessão do veto.

Encerra-se a sessão às 21 horas e 50 minutos.

ATA DA 102ª SESSÃO CONJUNTA, EM 10 DE NOVEMBRO DE 1965

PRESIDÊNCIA DO SR. GUIDO MONDIN:

As 22 horas acham-se presentes os Srs. Senadores:

Adalberto Sena
José Guimard
Oscar Passos
Vivaldo Lima
Edmundo Levi
Zacharias de Assumpção
Cattete Pinheiro
Eugênio Barros
Sebastião Archer
Joaquim Parente
José Cândido
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Wilson Gonçalves
Dix-Huit Resado
Dinarte Mariz
Walfredo Gurgel
Argemiro de Figueiredo
João Agripino
Barros Carvalho
Pessoa de Queiroz
Silvestre Póicles
Rui Palmeira
Heribaldo Vieira
José Leite
Eduardo Catalão
Josaphat Marinho
Jefferson de Aguiar
Eurico Rezende
Raul Giuberti
Vasconcelos Tôres
Aurélio Vianna
Milton Campos
Benedicto Villadarez
Padre Calazans
Lino de Mattos
João Abrahão
Pedro Ludovico
Lopes da Costa
Bezerra Neto

Adolpho Franco
Mello Braga
Antônio Carlos
Guido Mondim
Daniel Krieger
Mem de Sá

E os Srs. Deputados:

Acre

Altino Machado
Armando Leite
Geraldo Mesquita
Jorge Kahame
Mário Maia
Rui Lino
Wanderley Dantas

Amazonas

Djalma Passos
José Esteves
Leopoldo Peres
Paulo Coelho
Wilson Calmon (23-1-66)
Antunes Oliveira

Pará

Euramaqui de Miranda
Gilberto Campelo Azevedo
João Menezes
Jono Castro
Stello Maroja
Waldemar Guimarães

Maranhão

Alexandre Costa
Cid Carvalho
Clodomir Millet
Eurico Ribeiro
Henrique La Rocque
Ivar Saldanha
Joel Barbosa
José Burnett
José Sornes
Lisler Goidas
Luiz Coelho
Mattos Carvalho
Pedro Braga

Piauí

Chagas Rodrigues
Dyrno Pires
Ezequias Costa
Gavoso e Almendra
Heitor Cavalcanti
João Mendes Olimpio
Moura Santos

Ceará

Alfredo Barreira (23-11-65)
Alvaro Lins
Costa Lima
Deger Serra (22-10-65)
Edilson Melo Távora
Esmerino Arruda
Euclides Wicar
Flávio Marcello
Francisco Adeodato
Furtado Leite
Leão Sampaio
Laurenço Calares — (10.2.65)
Martins Rodrigues
Oziris Pontes
Prillo Teixeira (19-11-65)
Paulo Sarasate
Ubirajara Ceará (23-12-65)

Rio Grande do Norte

Aluísio Bezerra
Clóvis Motta
Djalma Marinho
Odilon Ribeiro Coutinho

Paraíba

Bivar Olimpio
Ernany Sátiro
Flaviano Ribeiro
Humberto Lucena
Janduí Carneiro
João Fernandes
Lutz Bronzeado
Plínio Lemos
Raul de Góes

Pernambuco

Adebal Jurema
Alde Sampaio
Andrade Lima Filho

Arruda Câmara
Augusto Novaes
Aurino Valois
Bezerra Leite
Costa Cavalcanti
Dias Lins
Geraldo Guedes
João Cleofas
Luiz Pereira
Magalhães Melo
Milvernes Lima
Ney Maranhão
Nilo Coelho
Oswaldo Lima Filho
Souto Maior
Tabosa de Almeida

Alagoas

Abrahão Moura
Aloysio Nono
Medeiros Neto
Muniz Falcão
Oceano Carneal
Oscás Cardoso
Pereira Lúcio
Sezismundo Andrade

Serapipe

Arnaldo Garcez
José Carlos Teixeira
Machado Rollemberg
Walter Batista

Bahia

Alexis Short (4-12-65)
Antônio Carlos Magalhães
Aplício de Castro
Cícero Dantas
Edgard Pereira
Edvaldo Flores (4-12-65)
Castão Pedreira
Heitor Dias
Henrique Luna
João Alves
Josaphat Borges
Luna Freire
Manoel Novaes
Mário Piva
Nery Novaes
Oliveira Brito
Oscar Cardoso
Pedro Catalão
Raimundo Brito
Pévis Pacheco
Ruy Santos
Ruy Santos
Teodoro de Albuquerque
Torrinho Dantas
Vasco Filho
Vieira de Melo
Wilson Falcão

Espírito Santo

Argilano Dario
Dirceu Cardozo
Dulcino Monteiro
Floriano Rubin
Gil Veloso
Oswaldo Zanelli
Raimundo de Andrade

Rio de Janeiro

Adalberto Fernandes (4-12-65)
Adolpho Oliveira
Afonso Celso
Alair Ferreira
Ario Teodoro
Bernardo Bello
Carlos Werneck
Dado Coimbra
Edésio Nunes
Edilberto de Castro
Geremias Fontes
Clênio Martins
Jorge Said-Cury (3-11-65)
Josemaria Ribeiro
Raymundo Padilha
Roberto Saturnino
Heli R. Gomes

Guanabara

Adauto Cardoso
Afonso Arinos Filho
Alomar Buleiro
Arnaldo Nogueira
Aureo Melo
Baeta Neves

Benjamin Farah
Breno da Silveira
Cardoso de Menezes
Eurico Ribeiro
Exedito Rodrigues
Hamilton Nogueira
Jamil Amiden
Mendes de Moraes
Noronha Filho
Waldir Simões

Minas Gerais

Abel Rafael
Aécio Cunha
Amintas de Barros
Aquiles Diniz
Austregésilo de Mendonça
Bento Gonçalves
Bias Fortes
Bilac Pinto
Carlos Murilo
Celso Murta
Celso Passos
Cyro Maciel
Dnyr Mendes
Elias Carmo
Francelino Pereira
Geraldo Freire
Guilhermino de Oliveira
Horácio Bethônico
Jaeder Albergaria
João Hercúlio
José Bonifácio
José Humberto
Manoel de Almeida
Manoel Taveira
Mili Reis
Nogueira de Rezende
Ormeo Botelho
Ovidio de Abreu
Ozanam Coelho
Padre Nobre
Padre Vidigal
Paulo Freire
Pedro Aleixo
Pinheiro Chagas
Renato Azeredo
Simão da Cunha
Tancredo Neves
Ultimo de Carvalho
Walter Passos

São Paulo

Adrião Bernardes
Afonso de Oliveira
Afonso de Carvalho
Afonso Padra
Antônio de Barros
Antônio Feliciano
Athlé Coury
Batista Ramos
Broca Filho
Campos Vergal
Carvalho Sobrinho
César Amaral
Correia Filho
Cunha Bueno
Dias Menezes
Derville Alegratti
Ewaldo Pinto
Franco
Franco Montoro
Germival Feijó
Harry Normaton
Hamilton Prado
Hélcio Machenzani
Henrique Turner
Italo Fittipaldi
Ivete Vargas
José Barbosa
José Menck
José Resegue
Lacôrte Vitale
Lauro Cruz
Levy Tavares
Lino Morganti
Mário Covas
Maurício Goulart
Nicolau Tuma
Pacheco Chaves
Padre Godinho
Paulo Lauro (1-12-65)
Pedro Marão
Pedroso Júnior
Pinheiro Brisolla
Plínio Salgado
Sussumu Hirata

Teófilo Andrade
Tufy Nassif
Ulysses Guimarães
Yukishigue Tamura

Goiás

Anísio Rocha
Benedito Vaz
Castro Costa
Celestino Filho
Emival Caiado
Geraldo de Pina
Haroldo Duarte
Jales Machado
José Freire
Ludovico de Almeida
Peixoto da Silveira
Rezende Monteiro

Mato Grosso

Correa da Costa
Edison Garcia
Miguel Marcondes
Rachid Mamed
Saldanha Derzi
Wilson Martins

Paraná

Antônio Annibelli
Antônio Baby
Braga Ramos
Elias Nacle
Emílio Gomes
Fernando Gama
Ivan Luz
Jorge Curi
José Richa
Lirio Bertoli
Maia Neto
Mário Gomes
Minoru Miyamoto
Newton Carneiro
Plínio Costa
Rafael Rezende
Renato Celidônio
Wilson Chedi
Zacarias Seleme

Santa Catarina

Albino Zeni
Antônio Almeida
Aroldo Carvalho
Carneiro de Loyola
Dionício de Freitas
Doutel de Andrade
Laerte Vieira
Lenoir Vargas
Orlando Bertoli
Osni Regis
Paulo Macarini
Pedro Zimmermann

Rio Grande do Sul

Adílio Viana
Afonso Anschau
Antônio Bresolin
Ary Alcântara
Brito Velho
Cesar Prieto
Cid Furtado
Clovis Pestana
Croacy de Oliveira
Euclides Triches
Floriano Paixão
Giordano Alves
Jairo Brum
José Mandelli
Lino Braun
Luciano Machado
Marcial Terra
Matheus Schmidt
Milton Cassel
Norberto Schmidt
Osmar Grafulha
Peracchi Barcelos
Raul Pila
Rubens Alves
Tarso Dutra
Unirio Machado
Zaire Nunes

Amapá

Janary Nunes

Roraima

Hegel Morhy

Roraima

Francisco Elesbão

O SR. PRESIDENTE:

(Guido Mondim)

As listas de presença acusam o comparecimento de 46 Srs. Senadores e 330 Srs. Deputados, num total de 376 Srs. Congressistas.

Havendo número legal, declaro aberta a sessão.

Vai ser lida a ata.

O Sr. 2º Secretário procede à leitura da ata da sessão anterior.

O Sr. 2º Secretário procede à que é aprovada sem debates.

O SR. PRESIDENTE:

(Guido Mondim) — Solicito a permanência de todos os Srs. Congressistas na Casa, a fim de, no decurso desta sessão, se necessário, marcarmos ainda para hoje a sessão destinada à votação do Projeto de Lei nº 18. Assim, terá prosseguimento o estudo do veto presidencial ao Projeto de Lei nº 179-65 do Senado e nº 2.287, de 1964 na Câmara dos Deputados, que regula o exercício da profissão de Técnico de Administração. Deverão ser votados os 5 itens restantes, de acordo com a discriminação constante dos avulsos da Ordem do Dia. Serão utilizadas 5 cédulas colocadas numa só sobrecarta. A chamada será feita de norte para o sul, votando primeiro os representantes dos Estados, depois os dos Territórios e por fim os membros da Mesa.

O Sr. 1º Secretário vai proceder à chamada.

(Procede-se à chamada)

Respondem à chamada e votam

os Srs. Senadores:

Adalberto Sena
José Guimard
Oscar Passos
Vivaldo Lima
Edmundo Levi
Zacharias de Assumpção
Cattete Pinheiro
Eugênio Barros
Sebastião Archer
Joaquim Parente
José Cândido
Sigefredo Pacheco
Menezes Pimentel
Wilson Gonçalves
Dix Huit Rosado
Dinarte Mariz
Walfredo Gurgel
Argemiro de Figueiredo
Barros Carvalho
Pessoa de Queiroz
Silvestre Péricles
Heribaldo Vieira
Júlio Leite
José Leite
Eduardo Catalão
Josaphat Marinho
Jefferson de Aguiar
Eurico Rezende
Raul Giuberti
Vasconcellos Torres
Aurélio Vianna
Milton Campos
Padre Calazans
Lino de Mattos
João Abrahão
Pedro Ludovico
Lopes da Costa
Bezerra Neto
Adolpho Franco
Mello Braga
Antônio Carlos
Guido Mondim
Daniel Krieger
Mem de Sá — (44)

E os Srs. Deputados

Acre

Altino Machado
Armando Leite
Geraldo Mesquita
Jorge Kalume
Mário Maia
Rui Lino
Wanderlep Dantas

Amazonas

Djalma Passos
José Esteves
Leopoldo Peres
Paulo Coelho
Antunes de Oliveira

Pará

Burlamaqui de Miranda
Gilberto Campelo Azevedo
João Menezes
Lopo Castro
Stélio Maroja
Epilogo Campos

Maranhão

Alexandre Costa
Clodomir Millet
Eurico Ribeiro
Henrique La Rocque
Ivar Saldanha
Joel Barbosa
José Sarney
Lister Caldas
Luiz Coelho
Mattos Carvalho
Pedro Braga

Piauí

Dyrno Pires
Ezequias Costa
Gayoso e Almendra
Heitor Cavalcanti
João Mendes Olímpio
Moura Santos

Ceará

Alfredo Barreira (22-11-65)
Alvaro Lins
Costa Lima
Dager Serra (22-10-65)
Edilson Melo Távora
Esmerino Arruda

Euclides Wicar
Flávio Marçilio
Francisco Adeodato
Furtado Leite
Leão Sampaio
Lourenço Colares (10-12-65)
Martins Rodrigues
Oziris Pontes
Perilo Teixeira (19-11-65)
Paes de Andrade
Paulo Sarasate
Ubirajara Ceará (28-12-65)

Rio Grande do Norte

Aluísio Bezerra
Djalma Marinho
Odilon Roberto Coutinho

Paraná

Rivar Olintho
Ernany Sátiro
Flaviano Ribeiro
Humberto Lucena
Jandui Carneiro
João Fernandes
Luiz Bronzeado
Plínio Lemos
Raul de Góes

Pernambuco:

Aderbal Jurema
Alde Sampaio
Andrade Lima Filho
Arruda Câmara
Augusto Novaes
Bezerra Leite
Costa Cavalcanti
Dias Lins
Geraldo Guedes
João Cleofas
Luiz Pereira
Magalhães Melo
Milvernes Lima
Ney Maranhão
Nilo Coelho
Oswaldo Lima Filho
Souto Maior
Tabosa de Almeida

Alagoas

Abrahão Moura
Aloysio Nonô
Medeiros Neto

Muniz Falcão
Oceano Carleia!
Segismundo Andrade

Sergipe

Arnaldo Garcez
José Carlos Teixeira
Lourival Batista
Machado Rollemberg
Walter Batista

Bahia

Aloysio Short (4-12-65)
Antonio Carlos Magalhães
Aloisio de Castro
Cicero Dantas
Edvaldo Flores (4-12-65)
Gastão Pedreira
Heitor Dias
Henrique Lima
João Alves
Josaphat Borges
Luna Freire
Manoel Novas
Mário Piva
Necy Novas
Oliveira Brito
Oscar Cardoso
Pedro Catalão
Raimundo Brito
Régis Pacheco
Ruy Santos
Teófilo de Albuquerque
Tourinho Dantas
Vasco Filho
Vieira de Melo
Wilson Falcão

Espírito Santo

Argilano Dario
Dirceu Cardoso
Dulcino Monteiro
Floriano Rubin
Gil Veloso
Oswaldo Zanello
Raimundo de Andrade

Rio de Janeiro

Adahuri Fernandes (4-12-65)
Adolpho Oliveira
Afonso Celso
Ario Teodoro
Bernardo Belle
Carlos Werneck
Daso Coimbra
Edésio Nunes
Ediberto de Castro
Geremias Fontes
Jorge Said-Cury (4-12-65)
Josemaria Ribeiro
Raymundo Padilha
Roberto Saturnino
Rely Ribeiro

Guanabara

Adauto Cardoso
Afonso Arinos Filho
Allomar Baleeiro
Arnaldo Nogueira
Beta Neves
Benjamin Farah
Eurico Oliveira
Expedito Rodrigues
Hamilton Nogueira
Jamil Amiden
Mendes de Moraes
Noronha Filho
Waldir Simões

Minas Gerais

Abel Rafael
Aécio Cunha

Aquiles Diniz
Bento Gonçalves
Bias Fortes
Carlos Murilo
Celso Passos
Cyro Maciel
Dnar Mendes
Elias Carmo
Francelino Pereira
Guilhermino de Oliveira
Horácio Bethônico
Jaeder Albergaria
João Hercúlio
José Bonifácio
José Humberto
Manoel de Almeida
Manoel Taveira
Milton Reis
Nogueira de Rezende
Orneio Botelho
Ovidio de Abreu
Ozanam Coelho
Padre Nobre
Padre Vidigal
Paulo Freire
Pedro Aleixo
Pinheiro Chagas
Simão da Cunha
Tancredio Neves
Ultimo de Carvalho
Walter Passos

São Paulo

Adrião Bernardes
Afranio de Oliveira
Alceu de Carvalho
Aniz Eadra
Antônio de Barros
Antônio Feliciano
Athé Coury
Batista Ramos
Campos Vergal
Carvalho Sobrinho
Celso Amaral
Condeixa Filho
Dias Menezes
Derville Alegratti
Ewaldo Pinto
Franco Montoro
Harry Normaton
Hamilton Prado
Hélio Magalhães
Henrique Turner
Italo Fittipaldi
Ivete Vargas
José Barbosa
José Menck
José Resaque
Lacôrte Vitale
Lauro Cruz
Levy Tavares
Mário Covas
Maurício Goulart
Nicolau Tuma
Pacheco Chaves
Padre Godinho
Pedro Marão
Pedroso Júnior
Pinheiro Brisolla
Plínio Salgado
Sussumu Hirata
Teófilo Andrade
Túfy Nassif
Ulysses Guimarães
Yukishigue Tamura

Goiás

Anísio Rocha
Benedito Vaz
Celestino Filho
Emival Caiado

Joles Machado
José Freire
Ludovico de Almeida
Peixoto da Silveira
Rezende Monteiro

Mato Grosso

Correa da Costa
Edison Garcia
Miguel Marcondes
Rachid Mamed
Saldanha Derzi
Wilson Martins

Paraná

Antônio Annibelli
Antônio Baby
Braga Ramos
Elias Nacle
Emílio Gomes
Fernando Gama
Ivan Luz
Jorge Curi
José Richa
Lyrio Bertoli
Maia Neto
Mário Gomes
Minoru Miyamoto
Plínio Costa
Rafael Rezende
Renato Celidônio
Wilson Chedid
Zacarias Seleme

Santa Catarina

Albino Zeni
Antônio Almeida
Aroldo Carvalho
Carneiro de Loyola
Dionício de Freitas
Doutel de Andrade
Laerte Vieira
Lenoir Vargas
Orlando Bertoli
Osni Regis
Paulo Macarini
Pedro Zimmermann

Rio Grande do Sul

Adílio Viana
Afonso Anselm
Antônio Bresolin
Ary Alcântara
Brito Velho
Cesar Prieto
Croacy de Oliveira
Euclides Triches
Florêncio Paixão
Jairo Brum
José Mendelli
Lino Braun
Luciano Machado
Marcial Terra
Matheus Schmidt
Milton Cassel
Norberto Schmidt
Osmar Grafulha
Peracchi Barcelos
Raul Pilla
Ruben Alves
Tarso Dutra
Unirio Machado
Zaire Nunes

Amapá

Janary Nunes

Roraima

Hegel Morhy
Francisco Elesbão

O SR. PRESIDENTE:

(Guilherme Mondim) — Responderam chamadas e votaram 44 Senhores Senadores e 301 Senhores Deputados num total de 345 Senhores Congressistas, número que coincide com o sobrecartas encontradas na urna.

Vai-se proceder à apuração. Corrido para servirem de escrutinadores os Senhores Deputados José Mandel e Atunes de Oliveira.

(Procede-se à apuração)

O SR. PRESIDENTE:

(Guilherme Mondim) — Está concluída a apuração, que acusa o seguinte resultado:

Cédula 7 — 7 Do artigo 3º, parágrafo único, as palavras:

"por força do artigo 43 da Lei 3.760, de 12 de julho de 1960, e artigo 64 da Lei nº 4.242, de 17 de julho de 1963".

Sim 8 vot.
Não 230 vot.
Em branco 35 vot.

Cédula 8 — Do artigo 4º, caput, as palavras:

"paraestatais, de economia mista, inclusive bancos de que sejam acionistas os Governos Federal e Estaduais, nas empresas sob intervenção governamental ou nas concessões de serviços públicos".

Sim 160 vot.
Não 1 vot.
Em branco 33 vot.

Cédula 9 — Do artigo 5º a palavra "específica".

Sim 80 vot.
Não 230 vot.
Em branco 35 vot.

Cédula 10 — § 1º do artigo 15 (fidelidade)

Do § 2º do artigo 15, as palavras "e o § 1º".

Sim 80 vot.
Não 230 vot.
Em branco 35 vot.

Cédula 11 — § 1º do artigo 16 (fidelidade).

Sim 80 vot.
Não 230 vot.
Em branco 35 vot.

O SR. PRESIDENTE:

(Guilherme Mondim) — Declaro rejeitados os dispositivos vetados, ficando portanto, mantidos todos os vetos. (Pausa.)

Senhores Congressistas, em virtude do adiantado da hora e da conclusão dos trabalhos, convoco para amanhã à noite as seguintes sessões:

I — às 20,30 horas, para leitura de mensagens;

II — às 21,00 horas, para votação em turno único, do Projeto de lei nº 10, de 1965, que aprova o Plano Diretor do Desenvolvimento do Nordeste; e

III — às 22,00, para apreciação de veto.

Está encerrada a sessão:

Encerra-se a sessão às 23 horas e 15 minutos.